

Handwritten mark in blue ink, resembling a stylized 'A' or a signature.

COR E LUZ
Radha Abramo

Passei o sábado inteiro com a imagem dos quadros de Hermelindo Fiaminghi na memória. Primeiro as cores vibravam, depois as formas me confundiam; finalmente os títulos das obras me perturbavam. Os quadros têm muita cor, bem dosada, feita intencionalmente para construir contrastes de luz e para criar a vibração cromática. Esta é a tarefa da qual somente os neo-concretistas sabem desincumbir-se com estilo e graça. Não há na superfície das telas de Fiaminghi sequer uma pincelada transviada ou irresponsável, mas os pequenos círculos de cor, que constroem o espaço dos quadros, dão a impressão de que foram colhidos durante uma bacanal de pigmentos ocupados em manchar vivamente as telas.

Há tempos Fiaminghi estuda a retícula da fotografia, transpondo-a para a tela como formas circulares. Mas, em muitos quadros de sua exposição da galeria S. Paulo, parece que as formas circulares, construtivas, dos quadros, terão quando muito uma breve e remota lembrança visual dos anteriores estudos que ele fez com a retícula fotográfica.

Tomemos como exemplo a "Despaisagem Reticula Cor Luz", no fundo do salão da galeria; o que dela salta à vista, não é propriamente uma forma reticulada, parente da fotografia, mas sim o registro da tensão que foi empregada no toque do pincel sobre a tela, expandido circularmente pela energia desprendida da emulsão pictórica.

A retícula fotográfica feita com baixos ou altos tons é, em suma, um ponto de um sistema regular de pontos construtivos das formas. Os retratos de Décio Pignatari e dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos têm um forte parentesco, esboçam um paralelo construtivo pictórico semelhante ao da retícula fotográfica. O mesmo não ocorre com a "Despaisagem" a que me refiro acima, pois as suas manchas circulares não decorrem de uma simetria sistemática de pontos. Pelo contrário, elas representam o toque sensorial da mão do artista nada regulador da auto-expansão pictórica sobre a tela.

Aqui estamos na encruzilhada da criação. Fiaminghi abre vertentes no seu discurso plástico. Uma poderá ser representada pela "Despaisagem", outra pelos retratos. Esta última, presa a uma postura artística mais racional, choca-se com a outra, mais sensível e mais vibrantemente cromática do que a primeira. Se nos orientarmos pelos títulos dos quadros, perceberemos que os retratos, quando reduzidos em tamanho, terão formas absolutamente delineadas dos três intelectuais brasileiros. Neles aparecem claramente as imagens de Décio, de Haroldo e de Augusto de Campos. Estes retratos podem ser considerados "desretratos" porque têm as retículas coloridas ampliadas. Com as "despaisagens", não. Se reduzidas serão uma mancha composta de todas as cores, das quais emerge uma intensa vibração cromática e da sensorialidade do artista.

Eu não chamaria a obra do fundo da galeria, principalmente, de despaisagem, pois a mim parece que de fato é a própria paisagem da luz da natureza.

Talvez Fiaminghi devesse responder ao apelo da natureza e ao ar livre, desafiá-la nas pinturas de seus quadros. Este é um dos caminhos sugeridos nesta exposição.

Publicado no *Diário Popular*, São Paulo, 30 maio 1986.

Handwritten mark in red ink, resembling a signature or initials.